

E AGORA, BERNIE?

Posted on 17. März 2020

Notas sobre a campanha eleitoral e as posições de política externa de Bernie Sanders

Um ponto de vista de Doris Pumphrey.

Com o seu programa doméstico e sócio-político e a sua posição consistente sobre o problema Israel/Palestina, Bernie Sanders é um factor perturbador na actual luta do Partido Democrata pela presidência dos EUA, encontrando-se com a resistência concentrada da sua elite corrupta e dos oligarcas e meios de comunicação próximos.

Há quatro anos Bernie Sanders foi humilhado pelos métodos sujos do clã Clinton, abandonou a luta - mas mesmo assim deu a Hillary Clinton "todo o seu apoio" e declarou: "Juntos iniciamos uma revolução política para mudar a América e esta revolução continua". Mesmo quando a extensão total da campanha insidiosa contra ele ficou conhecida, ele continuou a fazer campanha por Hillary. Ela continua a humilhar pessoalmente Sanders hoje, usando um retrato de filme que foi filmado por ela e pelo qual foi celebrada como uma estrela de Hollywood na Berlinale para fazer campanha contra Sanders.

Mas Hillary Clinton não está sozinha. Quando Joe Biden ficou para trás e nenhum dos candidatos às eleições teve qualquer hipótese de sucesso, o establishment democrata organizou a volta de Biden a tempo com a demissão obviamente coordenada dos outros candidatos. Elizabeth Warren, que já estava sem chance e considerada uma esquerdista, correu na Super Terça-feira, mas até isso pareceu um acordo. Ela retirou votos do ainda promissor candidato Sander's e assim ajudou Biden. No dia seguinte, ela desistiu da sua candidatura. Talvez ela seja recompensada com um cargo ministerial sob uma presidência democrática vitoriosa. Provavelmente, outros candidatos que agora apoiam o Biden serão encontrados lá.

Barack Obama tem sido até agora conspicuamente reticente em público, mas pode-se provavelmente assumir que ele motivou o establishment conservador afro-americano a convocar a eleição de Joe Biden. Sanders tinha prestado muito pouca atenção aos eleitores afro-americanos e às suas preocupações. Os eleitores mais velhos e mais conservadores votam nos que estão próximos de Obama. Os afro-americanos mais jovens tendem a votar na Sanders, mas em termos de números, eles são pouco importantes como

eleitores.

O Joe Biden é hoje considerado como moderado. O jornalista Stephen Lendman aponta para os seus quase 50 anos de serviço aos Democratas como senador e vice-presidente sob Obama com uma longa lista das suas posições e votos a favor de guerras e medidas intermináveis no interesse exclusivo dos privilegiados, Wall Street e corporações. Então, com um pouco de maquilhagem moderada ele seria o candidato presidencial democrata de confiança.

Joe, o candidato em deterioração mental

No entanto, o Estabelecimento Democrático não apoia Joe Biden por causa disso, mas porque o seu nome foi o que obteve mais votos. E é apenas para evitar que Bernie Sanders o faça que ele apoia Biden, apesar da sua óbvia deterioração mental. Joe esquece, confunde, tem dificuldade em falar de forma coerente, parece um pouco confuso. Mostra também a depravação moral dos Democratas que abusam de um homem doente e o transformam em seu fantoche para o mais alto cargo do Estado em uma possível humilhação pública.

Por quanto tempo mais os democratas podem continuar a descartar o preocupante estado de espírito do seu candidato como "propaganda republicana"? À medida que isto se torna cada vez mais óbvio, os democratas ficam assustados no momento em que ele abre a boca. Eles estão tentando reduzir ao máximo as aparições públicas de Biden e limitá-las no tempo. Jim Clyburn, líder da bancada do Congresso dos Democratas, já está a propor que as eleições primárias com os seus debates sejam interrompidas por completo, porque só trariam dificuldades. O partido se autodenomina democrático.

Mas impedir Bernie com Joe não significa ganhar as eleições contra Donald, que não só poderia explorar o óbvio, como também segurar o cartão de corrupção ucraniano contra Biden. Ainda pode haver algumas surpresas, como a formação de um gabinete Biden com o cheiro do estábulo de Obama. Talvez Furie Hillary como secretária de Estado ou mesmo como vice-presidente, que então assumiria o leme do presidente em dificuldades. Até Michelle Obama, que tem vacilado até agora, poderia ser tirada do chapéu. Ela seria o tiro dos sonhos contra o Trump. Porque não Obama/Clinton como a equipe dos sonhos absolutos dos neoliberais e neocons na festa. Isso seria uma celebração também para a grande comunidade transatlântica

na Europa - e para muitas feministas: Depois do ano passado as mulheres assumiram a gestão de quatro das cinco maiores empresas de armamento dos EUA, incluindo mulheres que estão assumindo o governo dos EUA e o alto comando das forças armadas americanas! Que emancipação das mulheres...

Bernie, o candidato que está de saída

E o Sanders? Depois do seu fraco desempenho na terça-feira, ele quer continuar - pelo menos até domingo - a discutir problemas sócio-políticos com o "seu amigo" Joe Biden. Não seria surpreendente se este debate fosse cancelado, pois Biden corre o risco de se sentir constrangido. O que fará então o Bernie? Que acordo vai ele fazer com o partido, talvez na esperança ingênua de fazer algumas marcas sócio-políticas com os neoliberais?

Bernie Sanders, com a vasta gama de medidas sociais e políticas internas de longo alcance no seu programa eleitoral, tinha esboçado um país com condições sociais, como muitos nos EUA anseiam. Sob as relações de poder prevaletentes, eles parecem um fantástico presente de Natal - que seria seguido por uma grande decepção se o Papai Noel fosse se tornar presidente.

Ao contrário de Obama, mas semelhante a Trump, Sanders teria, naturalmente, grandes problemas no ninho de cobras políticas de Washington e no pântano do complexo militar-industrial-mediático, mesmo tentando enfrentar medidas que são contrárias aos seus interesses. Mas ele prometeu fazer passar grande parte disto quando "nós" estivéssemos na Casa Branca. Com isto ele quis dizer o grande movimento que a sua candidatura e o seu programa tinham desencadeado. Como o Obama naquela altura com o seu "Sim, nós podemos", o Sanders com o seu "Eu não. Nós". (Eu não. Nós) causamos um entusiasmo milionário, especialmente entre os mais jovens.

O que vai ser dos seus muitos apoiantes agora? O seu entusiasmo pelo seu programa criou impulso suficiente para desencadear um movimento que não será absorvido pelo Partido Democrata? No momento, parece mais que Sanders espera canalizar os votos que está ganhando com suas questões para caminhos democráticos ordenados, na ilusão de mover o partido para a esquerda e rejuvenescê-lo.

Uma política que afecta o resto do mundo...

É claro que a política interna desempenha o papel principal nas eleições. Mas, sobretudo porque estamos falando das eleições presidenciais nos Estados Unidos, cujo resultado será tão decisivo para o resto do mundo, é apropriado olhar para as posições de política externa dos candidatos, o que também nos afetaria diretamente.

Seria inútil entrar nas posições de Joe Biden, porque certamente não será ele quem determinará a política externa dos EUA. Mesmo no seu actual estado de espírito, ele seria incapaz de o fazer.

Embora Bernie Sanders provavelmente não tenha mais chances de se tornar presidente, vale a pena analisar mais de perto suas posições sobre política externa, especialmente porque muitos da esquerda neste país também tinham grandes esperanças nele.

não livre de contradições ...

Bernie Sanders dá mais espaço à política externa hoje do que há quatro anos. Mas a sua plataforma eleitoral mostra que a política externa desempenha um papel subordinado. A importância que um candidato atribui a questões individuais pode ser adivinhada a partir do seu lugar na sua plataforma eleitoral. Aqui está uma comparação de alguns tópicos. (Os números referem-se a sinais): "Green New Deal": 80203 / Política de imigração: 26842 / Legalização da maconha: 7997 / Direitos LGBTQ: 4507 / Política externa: 1684

É notável que o único candidato presidencial americano de esquerda no seu programa eleitoral dá ainda mais espaço aos "direitos LGTB" do que à política externa e militar do seu país beligerante, que foi e é o maior agressor, a maior ameaça, com o maior orçamento militar do mundo desde a Segunda Guerra Mundial.

Em contraste com a política interna e social, suas declarações programáticas sobre política externa oferecem pouca informação concreta. No passado, ele denunciou repetidamente a influência do complexo militar-industrial. A plataforma eleitoral nem sequer o menciona. Em aparições públicas, ele critica os horrendos gastos militares, que "poderiam ser melhor utilizados na luta contra a fome, a doença e a

pobreza". Em todo o programa eleitoral, no entanto, o orçamento militar é mencionado apenas em conexão com o seu "New Deal Verde". Isto deve ser parcialmente financiado através da redução das despesas militares "que servem para manter a dependência global do petróleo".

A carreira política de Bernie Sanders também é marcada por sua oposição à Guerra do Vietnã, ao golpe da CIA no Chile e às intervenções na América Latina. Após sua visita à Nicarágua em 1986, ele expressou sua admiração pelos sandinistas nicaraguenses. E depois da sua visita a Cuba em 1989, elogiou o sucesso do programa de alfabetização de Fidel Castro, programa gratuito de saúde, educação e habitação e ficou impressionado com o quão profunda foi a revolução. Ele ficou entusiasmado com as mudanças que Hugo Chavez estava fazendo na Venezuela.

Simpatias para países de esquerda na América Latina - isso não é possível se uma pessoa quiser se tornar presidente dos EUA. Eles foram educados e por isso ele deve se justificar. Ele já estava a começar a relativizar as suas posições. Mesmo que continue a ver algumas medidas nestes países de forma positiva, mesmo defendendo uma normalização das relações com Cuba, distanciou-se dos seus "governos autoritários". Ele não considera o Guaidó um presidente legítimo, mas sob pressão já se deixou levar a chamar Maduro de "tirano maligno".

No que diz respeito a Israel/Palestina, ele tem até agora falado de forma ofensiva e consistente a favor dos direitos dos palestinos, garantidos pelo direito internacional. E isso significa muito nos EUA, onde o lobby de Israel é conhecido por ter considerável influência e pressão sobre ambas as partes. Ele ousa se opor abertamente à organização de lobby israelense American Israel Public Affairs Committee (AIPAC), critica as políticas do governo israelense e chama Netanyahu de "racista reacionário". Nem ainda se deixou intimidar por acusações de "anti-semitismo" ou "judeu que se odeia a si próprio".

Sua posição no Congresso dos EUA, suas visões ou anúncios de política externa e militar não estão livres de contradições.

Em geral, Bernie Sanders sublinha a importância da diplomacia e o primado da diplomacia sobre as soluções militares para os conflitos. Os EUA devem liderar o mundo, a fim de melhorar a cooperação internacional.

Ele não menciona explicitamente as Nações Unidas ou o direito internacional.

Ele se apresenta como um candidato antiguerra e se refere repetidamente à sua rejeição da guerra do Iraque. O seu manifesto diz: "Não vamos investir em guerras sem fim."

O senador Bernie Sanders tinha sido fundamental numa resolução em 2019 que limitava a autoridade do presidente para enviar tropas em missões de guerra e ordenou a Trump que retirasse todas as forças de apoio à guerra no Líbano.

O retorno do Congresso ao seu papel nas decisões sobre as missões de guerra, o fim do apoio à intervenção liderada pela Arábia Saudita no Líbano e a reentrada no acordo nuclear com o Irã são as únicas três declarações concretas na plataforma eleitoral.

... e perigos

Os dois anúncios gerais não são necessariamente um bom presságio:

"Implementação de uma política externa que enfatiza a democracia, os direitos humanos, a diplomacia e a paz, e a justiça económica".

"Trabalhar com forças pró-democracia em todo o mundo para construir sociedades no interesse e protecção de todas as pessoas."

As palavras que soam sempre tão bem. A única coisa é que os presidentes dos EUA demonstraram suficientemente o que o compromisso dos EUA com a "democracia" e os "direitos humanos" e a interferência dos EUA nos assuntos internos de outros Estados em cooperação com as "forças pró-democracia" - sociedade civil, ONGs, fundações, etc. - significa na prática para os países em questão.

No início de fevereiro, o New York Times fez perguntas a Bernie Sanders sobre política externa. Ele negou a questão se usaria a força militar para proteger o abastecimento de petróleo ou para provocar uma mudança de regime.

Em consonância com os neoliberais e neocons do Partido Democrata, ele respondeu "sim" à questão de

saber se apoiaria uma "intervenção humanitária" militar. Aqui ele é fiel a si mesmo, porque a "intervenção humanitária", o bombardeio da Jugoslávia sob o Presidente Clinton, também tinha apoiado Sanders.

Em 2011, ele co-iniciou a resolução do Senado que pede ao Conselho de Segurança da ONU que tome medidas "para proteger a população civil na Líbia de ataques, incluindo o possível estabelecimento de uma zona de exclusão aérea sobre território líbio". A zona de exclusão aérea permitiu que uma coligação multilateral de senhores da guerra liderada pelos EUA agredisse a Líbia, com as conhecidas consequências devastadoras não só para o país e o seu povo, mas também para a África.

O Presidente Assad da Síria está no topo da lista dos piores ditadores do mundo para Sanders, ele é um criminoso de guerra que usa armas químicas contra o seu povo e deve ser afastado do poder. A Rússia e o Irão devem ser encorajados a acabar com o seu apoio a Assad.

Ao governo chinês ele faz todo um catálogo de reivindicações políticas internas e foi co-iniciador no Congresso de resoluções condenando "violações dos direitos humanos", "prisões em massa" e "reeducação" de Uigures e outros grupos étnicos muçulmanos. Ele tem apoiado o Dalai Lama durante anos e pede a admissão de uma representação diplomática dos EUA no Tibete. Ele também apoia um embargo de armas contra a China.

Sanders apoia a OTAN, opõe-se a um novo alargamento da adesão e apela aos aliados europeus para honrarem o seu compromisso de aumentar as suas despesas militares para 2% do PIB.

O que se segue é preocupante: Quando perguntado pelo New York Times "você consideraria a força militar para antecipar um teste nuclear ou de mísseis iranianos ou norte-coreanos?" Sanders responde "sim". Portanto, não se trata de impedir uma ameaça imediata, mas de um ataque preventivo contra um teste de armas por parte da Coreia do Norte e do Irão, os dois países que há anos estão à mercê das sanções e ameaças dos EUA. Em troca, Sanders arriscaria uma guerra entre as grandes potências? Ou será que ele não sabe o que está a dizer aqui? Mesmo isso seria preocupante se ele se tornasse presidente.

"Se a Rússia continuar em seu curso atual na Ucrânia e em outros estados ex-soviéticos, os Estados Unidos

devem considerar a Rússia como um adversário ou mesmo um inimigo?" pergunta-lhe o New York Times. Sanders responde "Sim". Sanders também responde afirmativamente à questão de saber se a Rússia deve devolver a Crimeia à Ucrânia antes de ser admitida de volta ao G7. No Congresso, Bernie Sanders apoiou as sanções económicas contra a Rússia. Em vez do confronto militar directo, ele apela à pressão internacional sobre a Rússia. E ele critica a "relação de aconchego" do Trump com Putin.

...e de novo e de novo a Rússia...

A elite do Partido Democrata e o ninho de cobras de Washington estava em modo de pânico até antes das eleições primárias da última terça-feira. O Bernie não devia ter chegado tão longe. O espectro do comunismo já foi pintado na parede para o intimidar.

Não apenas suas antigas simpatias pelas revoluções latino-americanas, mas também sua viagem de casamento, que passou na União Soviética em 1988, seriam armas potenciais nas mãos de seus adversários para desgastá-lo durante a campanha eleitoral e impedi-lo de cumprir as promessas de campanha. Trump, que já declarou durante a campanha eleitoral que a Rússia não era um inimigo e queria comunicar com Putin, foi até hoje atirado o "Portão da Rússia" entre as pernas para evitar que ele se aproximasse ainda mais da sua promessa eleitoral mais importante para as relações internacionais: a melhoria das relações com a Rússia.

O cacete foi recentemente trazido até contra o Sanders. "Putin intervém novamente na campanha eleitoral." Mas este Putin aparentemente não conseguiu decidir qual dos dois ele deveria apoiar agora. Então a coisa mais fácil a fazer é o Trump e o Sanders. A reação dos dois não poderia ser mais diferente. Trump resistiu até hoje e agora está processando o Washington Post, o New York Times e a CNN.

Sanders, por outro lado, cedeu imediatamente, chorou e disse aos jornalistas que "a interferência russa nas eleições americanas" era uma "coisa feia" para "nos dividir". Eles fizeram isso em 2016. Eles estão tentando criar o caos e gerar ódio na América".

Ao contrário de Donald Trump, ele não considera Vladimir Putin um "bom amigo" e enfatizou que Putin é

"um gângster autocrático" que quer minar a democracia americana. "Sinceramente, não me interessa quem Putin quer como presidente. Minha mensagem para Putin é clara: 'Fique fora das eleições nos EUA e, como presidente, farei com que você o faça'.

Albrecht Müller do NachDenkSeiten comentou que, se estas afirmações estiverem correctas, "então este portador de esperança é também um caso perdido. Porque acreditar na possibilidade reconhecível e clara da influência da Rússia sobre as eleições nos EUA requer uma boa parte de simplicidade.

"Sanders cometeu um erro cardinal ao aceitar a falsa premissa da interferência russa na política dos EUA", escreveu o conhecido jornalista e especialista em assuntos internacionais, Finian Cunningham. Bernie Sanders deveria "simplesmente chamar as alegações disparatadas de interferência russa" do que elas são: "truques sujos da inteligência dos EUA e do establishment democrático". "Os seus inimigos políticos pregarão ainda mais partidas sujas e forçá-lo-ão a emitir negações e condenações irrelevantes da Rússia."

Tobias Riegel, do NachDenkSeiten, viu o perigo de que, para implementar planos de política interna progressistas, Bernie Sanders pudesse ser tentado a assegurá-los através de "atos marciais" na política externa. Ele tinha medo: "Infelizmente, as declarações de Sanders para a Rússia, por exemplo, não podem dar origem a grandes esperanças aqui". E perguntou: "Será que a relação entre a Rússia e os EUA sob o Presidente Donald Trump poderia se desenvolver mais positivamente do que sob Sanders?

Com Sanders ou sem, do Partido Democrata, que há quatro anos vem balançando incansavelmente o bastão do "Portão da Rússia", não se pode esperar nenhuma melhoria nas relações com a Rússia em nenhum caso.

Vejo também: o candidato presidencial americano Bernie Sanders está mexendo com o lobby de Israel e Bernie Sanders deve ser impedido!

+++

Obrigado aos autores pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: YASAMIN JAFARI TEHRANI / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK